

ANOS 60: OS IMPACTOS NA VIDA COTIDIANA DOS POCINHESES COM A CHEGADA DA SÉTIMA ARTE

Rafaela da Silva Castro Barros¹

Alex Pereira da Silva²

Orientador: Antônio Clarindo B. de Souza

Introdução

A discussão acerca de modernidade sempre desperta em muitos uma grande hesitação pelo movimento dos acontecimentos acelerados e principalmente das mudanças no cotidiano, trazidas pelas novas invenções. Mas e quando falamos de lugares remotos, como o município de Pocinhos no interior paraibano, que nem ao mesmo sonhavam como os processos de modernização que estavam ocorrendo e Recife, ou mesmo em sua capital. Entretanto, o que buscamos aqui analisar são quais os impactos e práticas tecidas com a chegada da sétima arte no município, por volta dos anos sessenta, tendo em vista, que durante este período a vida noturna da cidade de Pocinhos foi embalada pela agitação da população em suas idas ao cinema São José³.

Para além disto, é preciso analisar qual o cenário estabelecido no município de Pocinhos, que favoreceu a implantação do cinema no município. Quais eram os principais responsáveis por preencher os lugares do cinema durante as exibições dos filmes, e principalmente suas principais lembranças daquela atividade vivida, tendo em vista que a população que passou parte de sua juventude embalada pelo ritmo dos projetores do cinema, não perdeu ou deixou morrer o orgulho e satisfação de ter “vivido pra ver”, o funcionamento daquele espaço. Hoje, o que resta no local onde funcionou o antigo cinema, é a estrutura, muito mal preservada, e os depoimentos apaixonado daqueles que viveram na época. E é com a pretensão de registrar essas lembranças que escrevemos este artigo.

¹ UEPB. E-mail: rafaelabarros26081996@gmail.com

² Coautor. E-mail: aleks1928@hotmail.com

³ Além do cinema, não poderíamos deixar de destacar a presença de outro meio de entretenimento na cidade que foi a rádio difusora A Voz de Pocinhos, que atraíam a população para a praça da cidade com seus bingos, entre outras programações, e conseqüentemente foi responsável por contribuir com a sociabilidade pocinhense por volta dos anos sessenta.

A modernidade na Paraíba

A história das cidades vem ganhando cada vez mais visibilidade no campo de pesquisa. Fenômeno resultado dos trabalhos realizados nos programas de pós-graduação cada vez crescente em nosso país. Os estudos partem do campo macro e passam a se dedicar ao micro, ao regional, à história do pertencimento. Quando voltamos nossos olhos para a história da Paraíba encontramos diversos estudos que se dedicam à história das cidades interioranas, com destaque para Campina Grande.

Apesar de se tratar de história das cidades não podemos deixar de tocar no que diz respeito ao macro, pois é a partir deste que é possível afunilar os conteúdos, tratando das especificidades de determinados objetos de estudo. Assim, somente através de uma ponte que possa ligar macro/micro, é possível obtermos um rico conteúdo acerca de um tema.

Ao falarmos de modernidade na Paraíba, por exemplo, é possível encontrarmos diversas obras entre elas o trabalho de Gervácio Batista Aranha: *Seduções do moderno na Paraíba do Norte: O trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)*. Neste escrito, o autor vai nos trazer diversas reflexões acerca do processo de modernização na Paraíba, entretanto, logo no início não deixa de fazer uma discursão acerca das especificidades do que vem a ser moderno nas “cidades nortistas” e o que se tinha até então como cidade moderna.

Assim, na impossibilidade de pensar a experiência urbana nortista, em seu vínculo com a ideia de vida moderna, a partir dos chamados ritmos sociais, resta a alternativa de pensá-las com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passaram ao imaginário urbano como símbolo do moderno. (Aranha, 2005, pg.79)

Se nas grandes metrópoles europeias a agitação e o movimento dos grandes centros urbanos lhes caracterizavam como metrópoles, no Nordeste brasileiro será considerado não este movimento constante e algumas vezes até desordenado deste centro urbano, mas os símbolos de modernidades que estarão presentes no cotidiano dos indivíduos daqueles lugares, como o telefone, o trem de ferro, a energia elétrica, e porque não o cinema. O autor não deixa de destacar ainda como a chegada destes novos personagens nas cidades brasileiras, especificamente na Paraíba, vai trazer grandes mudanças no que diz respeito às relações humanas, que antes não usufruíam destes, a exemplo, do trem de ferro que permitiu um fluxo mais rápido de pessoas, mercadorias e

principalmente notícias, favorecendo assim as relações para com indivíduos à distância, sejam fatos políticos importantes para o país seja dos seus familiares.

Falando de Paraíba, não poderíamos deixar de falar de Campina Grande. Severino Cabral Filho vai ser responsável por se dedicar a estudar o processo de modernização em Campina Grande. Fazendo uso de fotografias e época, o autor nos traz uma reflexão acerca de como se dá esse processo naquela cidade que, como sabemos, possuía grande visibilidade nacional, tendo em vista o seu grande papel econômico na produção de algodão. Através das fotografias aliadas ao seu discurso, Cabral Filho nos faz perceber as permanências e rupturas do moderno na cidade de Campina Grande. Como foi possível, e ainda o é, a sobrevivência, lado a lado, do moderno e do arcaico e como esse processo vai se dando à medida que as novas construções e reformas irão aparecendo ao longo dos anos.

Estes autores são exemplos do que vem sendo escrito acerca da história das cidades na Paraíba. Entretanto, apesar de seguirem a mesma linha de pesquisa cada um vai se dedicar a um foco principal o que irá contribuir de forma muito rica no que diz respeito aos estudos neste campo.

Essas são reflexões acerca da chegada da modernidade e dos objetos que embalarão o cotidiano paraibano por volta do século XIX. Porém, em meio a todo esse cenário ‘moderno’ falemos de um dos símbolos que foi responsável por mudar não somente a economia em uma cidade em processo de desenvolvimento, ou ter surgido por meio desta, mas principalmente as práticas e relações sociais acontecidas em meio a todo esse conjunto de mudanças e que passa a caracterizar uma cidade como moderna: o cinema.

Cenários pocinhenses entre os anos sessenta

Pocinhos é um município do interior da Paraíba que hoje conta com aproximadamente 18 mil habitantes, a 152 Km da capital paraibana, João Pessoa, tem atualmente sua economia baseada na avicultura, pequenos comércio e a persistência do trabalho ainda com muitas dificuldade com o sisal. Entretanto, nos anos sessenta a economia, que corresponde ao recorte histórico escolhido para ser trabalhado aqui, a economia pocinhense passou por um período que ficou conhecido, nas palavras do escritor conterrâneo Roberto da Silva Ribeiro, como anos dourados.

Durante os anos sessenta o trabalho com o sisal no município vai passar uma grande efervescência. Contando com uma abatedora que fornecia fibra (o produto final do sisal/agave) não só nacionalmente, mas também para o exterior, era possível empregar na cidade uma grande quantidade de homens, que se destinavam ao trabalho no campo, além dos poucos operários. Não deixando de lembrar que nesta época ainda não existiam os motores a querosene, sendo assim, os trabalhos nos campos consistia na colheita das plantas e transporte desta até a abatedora, que se localizava no sitio olho d' água de propriedade de Antonio Barreto.

Está foi à atividade econômica de maior importância no município e perdurou com grande importância até os primeiros anos de dois mil, sem deixar de destacar a grande queda com o fechamento da abatedora, após o seu proprietário perder as eleições para prefeito, quando disputou o cargo contra Padre Galvão, um dos ícones da história pocinhense.

Foi em meio a esse cenário que irá surgir o cine São José que apesar de já há alguns anos extinto, ainda permanece vivo na memória de todos aqueles que tiveram a oportunidade de fazer uso desta mercadoria tão moderna para a época principalmente em um cotidiano pacato do interior paraibano. Esta experiência com a sétima arte que surge no ano de 1895 em Paris para embelezar, divertir, embalar as vidas dos apaixonados por arte⁴.

A chegada do cinema vai contribuir para grandes transformações nos cotidianos em que são inseridos, é outro ritmo que se estabelece. A presença deste novo lugar de sociabilidade contribui para completar as noites, mas também tardes, de populações que até então permaneciam pobres no que diz respeito a entretenimento, tendo em vista que outros artigos como televisão ou rádio, ainda não haviam se estabelecido. É um novo espaço que influencia em diversos aspectos, como os encontros entre a juventude que em uma época de grande moralismo principalmente quando falamos de romances, o cinema representa um novo espaço e com o seu ambiente escuro e aconchegante, além do clima romântico, proporcionado pelos famosos filmes de romance, representava uma ótima oportunidade para galanteios.

Entretanto, não deixemos de refletir e estabelecer as especificidades de cada local, tendo em vista que assim como, quando falamos em recortes históricos não é possível perceber as influências do cinema no cotidiano Pocinhece da mesma forma que

⁴ Segundo Souza 2016, o cinema sugue no século XIX como grande ícone da modernidade e é visto como tamanha deslumbrante em diferentes lugares no mundo, passando a assumir assim o posto da sétima arte.

foi visto em Paris no momento de suas primeiras projeções. É muito caro para nós historiadores contextualizar quais os processos que já vinham ocorrendo em Paris até o ano de 1895, destacando a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra e a Belle Époque, que vai fazer de Paris a capital do que há de mais moderno. Assim como o historiador Rivaldo Amador de Souza afirma

Enquanto a metrópole parisiense vivera um conjunto de experiências do sensível que antecedeu às primeiras exposições cinematográficas, as urbes interioranas não sofreram tal processo e, por isso, o cinema tenha adentrado esses lugares de maneira impactante. Mesmo assim, a grande cidade levava o povo ao delírio com a concentração de toda uma massa com o mundo fantasmagórico que a ficção teatral e cinematográfica (SOUZA, 2016, pg. 132).

Portanto, a magia do cinema não deixa de fascinar os indivíduos de sociedade moderna, por outro lado vemos uma ‘‘cidadezinha’’ do interior da Paraíba em que sua principal economia apesar de estar em seu auge, se limitava ao trabalho árduo e desgastante com o sisal, que não deixava de depender do volume de chuvas para manter em condições produtivas as folhas do agave. São cenários diferentes que não poderíamos deixar de tocar nestas diferenciações. Para, além disto, se na Paris moderna este novo ícone vai impactar de forma determinante imaginemos a Pocinhos dos anos de 1960.

O Cinema e as práticas cotidianas no município de Pocinhos

O município de Pocinhos ver sua emancipação no ano de 1953 após varias ações iniciadas por Padre Galvão que tinha o objetivo de tornar aquele município independente de Campina Grande, este que contavam também com uma área que corresponde hoje ao atual município de Puxinanã, elevando ainda mais a importância local fazendo deste lugarejo digno de se emancipar, além do grande teor pocinhence tecidos nas cartas enviadas pelo Padre. Sete anos após sua emancipação o município inaugura o prédio em que funcionou por muitos anos o cine São José, este que foi responsável por embalar as noites e muitas das comemorações festivas pocinhences, que ainda permanecem com grande paixão na memória dos que tiveram oportunidade de viverem aqueles momentos.

Entretanto se tivermos o cuidado de perceber que mesmo antes disso já é possível encontrar em documentos oficiais como estas cartas enviadas por Padre Galvão em busca da emancipação do município, registros de projetores ambulantes, ou seja, cinema itinerante, conhecido como Santo Antônio, este se tratava de um projetor que era instalado nas palavras de Ribeiro improvisadamente em qualquer lugar.

Para completar o quadro de progresso atingido pelo distrito, o padre acrescenta a existência de uma “Biblioteca Pública Paroquial”, de um clube “dançante”, de dois clubes de futebol, da filantropia São José e do “Cine Santo Antônio”, este seria um projetor e uma empanada que se improvisava em qualquer lugar (RIBEIRO, 2013, pg.140).

Portanto o cinema já durante o processo de emancipação da cidade já representava um ícone de orgulho que utilizado para enaltecer o desenvolvimento deste lugarejo. Mas nos dediquemos ao moderno e avassalador cine São José, inaugurado no ano de 1960, ano em que houve um grande movimento de jovens pelo mundo em busca de liberdade, exaltação do rock e todo um clima que apesar de determinante quando falamos em uma história mais macro, não influenciou muito no afastado cotidiano do município de Pocinhos.

O prédio em que foi instalado o cinema e que chegou a receber até quinhentos assentos, além de figuras ilustres como Luís Gonzaga, Teixeira e Marines, era de propriedade da Igreja Católica do município que na época tinha como sacerdote o padre Aries. O lugar foi alugado para o proprietário Hermes Oliveira e Arlindo Oliveira, que se tornou o empresário da sétima arte no município. Dois anos após a inauguração do prédio chega a Pocinhos a figura que por seu grande papel no que diz respeito ao operador do cinema da cidade Antônio Fernandes Andrade, que passa a ser conhecido como Antônio de Cinema. Este se muda para Pocinhos com sua família e passa a se dedicar durante toda a vida as projeções que ali foram feitas.

Inicialmente tratava-se de um projetor simples em um lugar que contava, segundo depoimentos de Antônio do Cinema, com cerca de 150 a 200 cadeiras. Possuía três sessões por semana: Nas quartas, dia de feira em tornava o município muito movimentado devido à ida dos moradores da zona rural para cidade onde fazia suas compras ou se dedicava a vender suas mercadorias, e aproveitando-se para ficar para usufruir do entretenimento proporcionado pelo cinema, nos sábados em que o público embalado pelo clima do final de semana dirigia-se a esse espaço de sociabilidade e no

domingos em que havia durante suas tardes as sessões dedicadas as crianças chamadas de Matiné.

Mesmo em uma cidade pequena, todas as sessões contavam com um público satisfatório chegando a lotar o espaço em dias de apresentações musicais, isso tendo em vista que após alguns anos de funcionamento o cinema São José irá ser composto por 500 assentos comprados de um cinema que fecha suas portas no estado do Ceará. Mas, além da quantidade de público o que no interessa neste momento é analisar como este cenário, responsável por marca à juventude de tantas pessoas foi utilizado para as práticas em torna das idas ao cinema.

O cinema aos olhos dos que viram

Para responder alguns de nossos questionamentos aplicamos um questionário objetivo, contendo oito questões, com alternativas de A a E, que foram respondidos por homens e mulheres com faixa etária entre quarenta e setenta anos, e homens com idades semelhantes, que na época estavam inserido em classes sociais dispare, o que contribuiu para uma série de dados variados, mas muito relevantes no que se diz respeito às especificidades do lugar social ocupado por tais sujeitos.

Como sabemos a chegada do cinema, em Pocinhos, nos anos sessenta não representa apenas um lugar de entretenimento, mas as práticas que se dão durante as sessões de filmes, oferecidos neste lugar, favorecem também o convívio com os amigos, as paqueras e romances, mas também representam um meio de informação. Por este motivo, e buscando perceber através de que lentes os antigos frequentadores daquele espaço guardam as imagens em suas memórias dos passeios noturnos, estes foram questionados sobre o que mais representou aquele lugar, contendo todas as opções acima contidas no questionário (ver anexo). Foi possível perceber que apenas 37,5 % percebem que além de um lugar de entretenimento o cinema também comportava toda uma série de outras práticas que são comuns a eles.

Talvez este fato se dê devido ao reconhecimento do termo “Entretenimento”, como todo um conjunto possíveis e, por este motivo, 62,6% recordam do cinema como um lugar destinado ao divertimento, esquecendo que é nesse “entretenimento” que novas amizades irão surgir, novos amores e até mesmo casamentos, mas sem esquecer das traições, e digamos, rebeldia daquelas moças de família que em outro contexto, na

cidade de Campina Grande (Souza,2016), fugiam da escola em busca de assistirem os filmes que estavam em cartaz.

Poderíamos questionar ainda se isto se devia ao fato de que, estando inserida em uma sociedade moralmente conservadora⁵, somente a grande maioria de frequentadores fossem homens, evitando assim uma maior aproximação entre os frequentadores. Entretanto aos serem questionados sobre quem eram os responsáveis por compor o público de espectadores do Cine São José em Pocinhos, 75% do questionados deixaram bem claro que tanto homens, como mulheres e crianças, se dirigiam a estas sessões.

Mas quem eram essas mulheres e crianças que já nos anos sessenta podiam frequentar o cinema? Como já foi dito acima, o município estava passando por um momento econômico favorável, não somente aos empresários do sisal, algodão e comerciantes, mas também para aqueles trabalhadores pobres que agora se dedicavam à colheita do sisal, para serem levados à abatedora. Portanto, assim como na maioria dos cinemas logo em seus primeiros anos de funcionamento, todos os que poderiam pagar pelo serviço tinham o direito de assistirem os filmes que desejassem. Para comprovarmos esta informação com maior propriedade em Pocinhos, quando perguntamos qual classe social, poderia usufruir daquele espaço 81,25% responderam que todos que pudessem pagar pelo serviço⁶.

Outra questão que podemos ainda ligar a este tema, é o fato de que até certo ponto os figurinos utilizados pelas atrizes e atores influenciavam nas vestimentas das mocinhas e rapazes que assistiam os filmes ali exibidos. A grande maioria dos nossos contribuidores, com destaque para o operador da máquina de projeção, o senhor “Antônio do Cinema” e sua esposa, não hesitaram em responder que, apesar de existir a pretensão de imitar as roupas e cabelos, havia poucos recursos que poderiam ser direcionados a estas modas, tendo em vista que isto representaria um grande gasto para famílias com pouca e média renda. Portanto, fica claro para nós, que com exceção daqueles indivíduos inseridos nas classes sociais mais abastadas a grande maioria das vestimentas utilizadas para se dirigir ao cine São José eram roupas com cortes simples e que normalmente eram utilizadas no dia-a-dia.

⁵ Tendo em vista a grande influência exercida pela igreja católica no município e que inclusive era proprietária no prédio em que funcionava o cinema São José.

⁶ Não foi possível verificar os preços dos ingressos cobrados para a entrada no cine São José, mas acreditamos que não trata-se de uma quantia muito alta, tendo em vista que muitas pessoas que na época era consideradas da classe pobre também frequentavam aquele lugar.

Assim, através da aplicação de nosso questionário foi possível perceber diversas particularidades do Cine São José. Portanto, não poderíamos esquecer-nos de nos reportar a frequentadores específicos, como as crianças. Para estas, além das comuns idas ao cinema com seus pais ou familiares em geral, que aconteciam em determinados dias da semana (quartas, sábados e domingos), havia ainda nas tardes de domingo, as chamadas *Matinês*, sessões dedicadas às crianças que recebiam ai já um espaço para elas. Além desta, não poderíamos deixar de citar, mesmo que de forma passageira, as estratégias utilizadas por crianças, em especial meninos, chegando à adolescência, de se dirigirem ao cinema e assistirem os filmes proibidos para crianças, através das brechas da porta lateral, ou seja, a saída de emergência do cine.

Estas são algumas das especificidades vividas durante as sessões no cine São José, nos seus primeiros anos de funcionamento. E para ilustrar algumas de nossas ideias analisemos esta imagem abaixo, fotografada durante a exibição de um filme e que pertence ao arquivo pessoal da senhora Adriana Souto.



(Arquivo pessoal de Adriana Souto)

De início, é possível percebermos nas primeiras cadeiras moças com vestimentas bem alinhadas e calçados aparentemente caros. No lado esquerdo é possível visualizar ainda três rapazes vestidos com paletós e gravatas, que provavelmente, assim como as mocinhas bem vestidas, faziam parte da classe mais rica da cidade. Não muito ao fundo avistamos a presença de crianças, que parecem prestar mais atenção à máquina fotográfica, outro símbolo do moderno, do que ao próprio filme. E, por fim, homens e

mulheres simples que também são responsáveis por compor aquele ambiente, fazendo uma mistura entre classes sociais, sexos e idades.

Mas não poderíamos deixar de destacar que está foto pode trate-se de um registro em uma ocasião comemorativa como a celebração da primeira Eucaristia, já que os calçados brancos que destinados a ocasiões importantes e as velas nas mãos daqueles em destaque pode no levar a considerar uma celebração religiosa. Tendo em vista que, de acordo com as informações coletadas através de nossos questionários as vestimentas que mais eram utilizadas nas idas ao cine São José, eram roupas de corte simples ou vestimentas do dia-a-dia. Porém, esta fotografia registra o ambiente do cinema na época e os possíveis frequentadores das seções de filmes.

Considerações finais

Assim, levando em consideração as particularidades do local, o cinema, desde o seu surgimento vai representar não somente mais um dos signos do moderno, como o trem de ferro, os Bondes do Rio de Janeiro ou a iluminação elétrica, mas ele vai entrar na vida das pessoas de uma forma especial ao ponto de marcar as memórias daqueles que viveram naquele período e que mesmo inserido na sociedade das novas tecnologias não deixam de enfatizar a falta que sentem daquele período e em especial da presença do cinema na cidade. E, mesmo que hoje já seja possível perceber uma mobilização por parte da população mais informada, seja de grupos que se dedicam à arte e cultura, ou os próprios historiadores filhos da cidade, que a partir de pequenas ações - com destaque aqui para o projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual da Paraíba: Escavando novas possibilidades: O ensino de arqueologia como iniciativa socioeducativa e ambiental nas escolas municipais de Nova Palmeira, Puxinanã e Pocinhos - que ofereceu uma conscientização para os alunos matriculados no projeto através da apresentação da história do monumento e visita ao prédio abando do nosso antigo cinema. Ou a tentativa de conservação do lugar por outros grupos da cidade. Ainda há muito a se fazer, para que não deixemos que até mesmo os relatos apaixonados dos antigos frequentadores se percam no tempo sem entrarem para história, nossa história.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda Karoline Martins Lira. **Becos e casebres do norte**: na mira da ordem sanitária. Campina Grande: EDUFCG, 2010.

ARANHA, Gêrvacio Batista. **Seduções do moderno na Parayba do norte**: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). João Pessoa: Ideia, 2005.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada**: Campina Grande em imagens e história. Campina Grande: EDUFCG, 2009.

RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos o local e o geral**. Campina Grande: RG, 2013.

SOUZA, Antônio Clarindo B. de; SOUSA, Rivaldo Amador. **Imagens que seduzem Cinema e sensibilidade na Paraíba (1910-1970)**. Pará de Minas: Virtual Books, 2016.